

## OS MARCADORES DISCURSIVOS NO GÊNERO NARRATIVA ESCOLAR

*Ilana Gomes Oliveira (UFBA/FTC)*  
[ilanagomes1@gmail.com](mailto:ilanagomes1@gmail.com)

### ***1. Introdução***

Apesar dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) dedicarem uma atenção especial à linguagem oral no ensino de língua materna, ainda é possível perceber lacunas no que se refere ao estudo do texto baseado nos gêneros textuais do sistema linguístico, o que seria desejável e pertinente, uma vez que esses envolvem textos diversos que surgem, historicamente, tendo em vista, sobretudo, as novas tecnologias de uma sociedade.

Segundo Costa Val (2001, p. 18), o objetivo geral do ensino de redação nas aulas de língua portuguesa é proporcionar aos alunos o desenvolvimento da capacidade de produzir textos escritos de gêneros diversos, adequados aos objetivos, ao destinatário e ao contexto de circulação. O trabalho nesse sentido pode ser feito na sala de aula, mesmo antes que as crianças tenham aprendido a escrever, porque o professor estará orientando seus alunos para a compreensão e a valorização dos diferentes usos e funções da escrita, em diferentes gêneros e suportes.

Ainda de acordo com a autora, saber escrever inclui usar adequadamente a variedade linguística, de acordo com o gênero de texto que se está produzindo, aos objetivos que se quer cumprir com o texto, aos conhecimentos e interesses dos leitores previstos, ao suporte em que o texto vai ser difundido, fazendo escolhas adequadas, quanto ao vocabulário e à gramática. Isso envolve dedicar atenção à escolha de palavras e de construções morfossintáticas, com sensibilidade para as condições de escrita e de leitura do texto.

Segundo Marcuschi (2002), é comum hoje notar um hibridismo muito acentuado entre as modalidades de uso da língua- fala e escrita. Nesse contexto, observa-se uma lacuna, no que concerne à funcionalidade dos marcadores discursivos (doravante MDs) “af” e

“então” em textos redacionais de tipos narrativos de alunos do Ensino Fundamental.

Neste trabalho, os marcadores serão investigados, procurando observar a sua funcionalidade dentro dos textos redacionais, mas não entendendo a relação fala-escrita de forma dicotômica, e, sim, a partir de uma perspectiva que os veja dentro de um *continuum* tipológico de gêneros textuais. As reflexões aqui suscitadas, foram obtidas a partir da análise dos marcadores discursivos *aí* e *então* em textos redacionais de tipos narrativos, coletados em uma escola do ensino fundamental II, no município de Itagibá-BA.

## 2. *Sobre os marcadores discursivos*

Segundo Urbano (2006, p. 403), os marcadores discursivos estão sempre presente nas preocupações dos linguistas, principalmente, daqueles que se dedicam à Análise da Conversação, ou aos estudos da Língua Falada em geral. Muito se fala também em estudos teóricos voltados para o tratamento conceitual de recursos de construção textual-interativa. Entretanto, o autor ressalta que nessa bibliografia disponível existe uma lacuna, no que concerne à preocupação ou o consenso quanto à determinação da natureza e propriedades dos MDs. Acrescenta-se ainda a essa lacuna, a questão do tratamento desse fenômeno na modalidade escrita do sistema linguístico.

Said Ali (1930, p. 51) apresentou um estudo, que se pode dizer pioneiro e que vislumbrava uma atenção a essas unidades. Ele as nomeou como expressões de situação “uma vez que rareiam no discurso eloqüente e rhetorico e se usam a cada instante justamente no falar desativado de todos os dias”. O autor considerou as situações possíveis entre o locutor e o interlocutor e estudou marcadores como: *mas, então, agora, sempre, pois, pois sim, sabe de uma cousa, como* etc.

Conforme se atesta nos estudos acima citados, bem como na bibliografia registrada na literatura linguística a esse respeito, é que eles estão tradicionalmente voltados para a conversação. Os estudos

restringem-se à investigação das formas e funções dos marcadores conversacionais<sup>1</sup>, baseando-se na modalidade de língua falada.

Em relação à Gramática Tradicional (doravante GT), tem-se observado que quase nenhum espaço é reservado para essas unidades. A GT faz, segundo Risso (2006, p. 428), uma breve menção a alguns dos sinais estruturadores dessas partículas que atuam na parte transfástica. Em sua maioria, apresentam-se como constituintes integrados à estrutura da sentença de forma homônima com os advérbios.

Sob a denominação de *advérbio*, de acordo com a gramática normativa, reúnem-se conceitos que, fundamentalmente, o definem como um modificador do verbo (CUNHA, 2001, p. 541). A essa função básica, acrescentam-lhe uma classificação, de acordo com a circunstância ou ideia acessória que expressa, como por exemplo, a partícula *então* é classificada como advérbio de tempo e a partícula *aí* como advérbio de lugar.

Bechara (2006, p. 278) dedica uma atenção especial ao que ele chama de “plano transfástico e os advérbios”. O autor confere uma categoria ao advérbio que antes era posta em evidência pelas gramáticas tradicionais apenas para os pronomes. Nessa perspectiva, Bechara atribui ao advérbio um papel de retomada ou substituição de uma unidade pontuada ou não no texto, passando a ser não apenas advérbios, mas substitutos de oração, conforme exemplo:

*Você vai ao cinema? – Sim.*

No exemplo acima, a partícula *sim* é uma resposta que retoma todo o enunciado textual.

Destacam-se ainda as unidades de valor circunstancial, as quais retomam “estados de coisas” reconhecidas ou intuídas anteriormente e ligadas ao sentido do discurso (marcadores textuais). (BECHARA, 2006, p. 278).

---

<sup>1</sup> O termo *marcadores conversacionais* foi aceito por muito tempo entre os linguistas brasileiros, entretanto, de acordo com Urbano *et. al.* (2006, p-4004), “reconhece-se nela uma limitação, por sugerir, de forma inevitável e inadequada, um comprometimento exclusivo com a língua falada e, dentro dessa modalidade, com um gênero específico, que é a conversação.”

De modo geral, os Marcadores Discursivos são elementos verbais que atuam a partir da interação discursiva oral, trabalhando no funcionamento da linguagem, quer no nível interpessoal ou cognitivo. Segundo Risso, Silva e Urbano (2006, p. 404), trata-se, pois, de um “amplo grupo de elementos de constituição bastante diversificada, envolvendo, no plano verbal, sons não lexicalizados, palavras, locuções e sintagmas mais desenvolvidos, aos quais se pode atribuir homogeneamente a condição de uma categoria pragmática”.

Considerando a função precípua dos MDs, que é auxiliar no desenvolvimento interacional dos falantes, estabelecendo elos de coesão discursivos, pode-se perceber que os MDs não assumem uma função única, pré-estabelecida, durante a situação comunicativa, o que significa dizer que um mesmo MD pode desempenhar simultaneamente várias funções.

Em geral, eles têm função textual argumentativa, pois coordenam, subordinam, especificam etc., isto é, orientam e/ou organizam o discurso, conforme as estratégias desenvolvidas pelos falantes.

Essa multifuncionalidade permite aos MDs acontecerem em vários gêneros textuais da modalidade escrita do sistema lingüístico, desde gêneros híbridos aos mais modelos formais, principalmente como articulador textual, atuando de forma pragmática, garantindo, assim, o processamento do texto por parte do leitor.

Baseando-se nos estudos de Urbano (2006) e Risso (2006), verifica-se que os marcadores discursivos preservam seus traços definidores básicos, a saber: são exteriores a conteúdos proposicionais ou tópicos, sintaticamente independentes, e insuficientes para constituírem enunciados completos por si próprios, além de se apresentarem como sequencializadores tópicos.

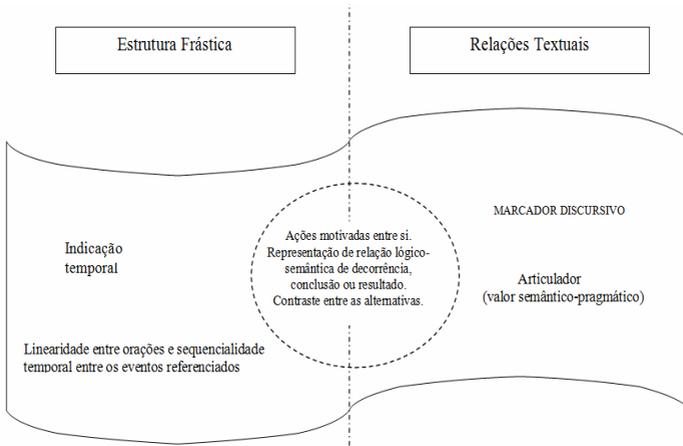
### **2.1. Marcadores basicamente sequenciadores: aí e então**

Segundo Risso (2006, p. 448), o marcador discursivo *então* revela-se como um articulador de partes do texto. Sua atuação precípua é de apresentação da informação, ou seja, no seqüenciamento e estruturação interna de segmentos tópicos.

Outro ponto relevante desse marcador é a forma homônima que ele apresenta com os advérbios, de acordo com a gramática normativa.

Risso (2006, p. 449-450) destaca que, entre as instâncias de atuação do *então*, ocorrem ligações sintático-semânticas, que possibilitam considerar, em cada caso, um *continuum* entre o advérbio, na estrutura da frase, e o articulador, nas relações textuais, uma vez que, nesse último contexto de ocorrência, tem-se a possibilidade de aquisição de novos valores semântico-pragmáticos. Assim sendo, a autora apresenta uma análise dessa unidade e a organiza em duas partes: a primeira centra-se nas constantes semânticas que acompanham o emprego do *então* no nível da frase; e a segunda parte volta-se para os aspectos funcionais específicos de seu enquadramento no nível da relação textual-iterativa.

Verificando as propriedades definidoras dos MDs, idealizou-se um protótipo do *continuum* das formas do *então* (OLIVEIRA, 2009), a partir das narrativas escolares analisadas.



Percebe-se que o *então* apresenta formas com traços típicos do advérbio, passando por traços intermediários entre o advérbio e o MD, até a sua forma mais pura de MD.

Apoiando-se na primeira parte do estudo de Risso (2006, p. 450), em que o *então* passa de advérbio de tempo a conector frasal,

verifica-se, segundo a autora, uma dupla tendência de trações definidores. De uma parte, o *então* exerce nítida função de expressão temporal, mas já não presa à função de pretérito instaurada pelo advérbio. De outra, configura-se em um teor mais argumentativo, ao estabelecer conexões lógico-semânticas entre as orações, seja através da sequência temporal dos fatos, ou através de um “[...] teor mais argumentativo, ao servir à expressão de uma dependência lógico-semântica de decorrência, conclusão ou resultado [...]” (RISSO, 2006, p. 450). Para ela, em ambas as partes, existe a função tipicamente conectiva em que o *então* atua na articulação de orações presentes na superfície do texto.

Como expressão temporal, *então* pode exercer função retrospectiva, expressar linearidade, sequência entre as orações, ou atuar na progressão da informação através de ações motivadas entre si. Na função retrospectiva, o *então* faz uma “remissão anafórica a um momento de referência instalado no enunciado” (RISSO, 2006, p. 451). Já na linearidade entre as orações, os eventos apresentam-se sucessivamente através de orações cronologicamente encadeadas. Característico da língua falada, configura-se em frases que vão se arrastando umas às outras. O *então* confere um direcionamento continuativo ao enunciado e a sua condição de item anafórico, que não é obrigatório nesse caso, desperta uma leitura para trás.

Contudo, percebe-se a partir do *continuum* proposto do *então* que, quando esse elemento se estabelece como ações motivadas entre si; representação de relação lógico-semântica de decorrência, conclusão ou resultado; e contraste entre as alternativas, nem sempre ele apresentará a forma categórica do estatuto de advérbio. O *então* orienta para determinado sentido implicado a partir do texto e consequentemente para possíveis leituras que dele se projetam.

Em relação à nuance de ações motivadas, esse MD refere-se a uma circunstância passada, intermediando para outra oração. O *então* “tem aí o efeito de uma alavanca que se apóia no que foi dito, para uma espécie de desfecho motivado, dado a seguir na progressão da informação” (RISSO, 2006, p. 453).

Considerando a relação lógico-semântica de decorrência, conclusão ou resultado do MD *então*, pode-se afirmar que ele projeta relações argumentativas de causa e efeito, exclusão e, ainda, “reforça

o nexu pelo qual o conteúdo de uma cláusula antecedente implica uma espécie de dedução expressa na conseqüente” (RISSO, 2006, p. 455). Nesse sentido, o MD *então* estabelece relação anafórica entre as orações, pois “como agente interno do texto, tem, por trás de suas especificidades, um forte fundo comum na orientação remissiva retroativa e na linearidade expositivo-argumentativa” (RISSO, 2006, p. 456).

Apoiando-se nos aspectos funcionais específicos do enquadramento do *então* no nível da relação textual-interativa, como agente de organização interna do texto, o marcador *então* nessas suas peculiaridades de construção permite uma construção de sentido não apenas em uma instância discursiva presente na superfície do texto em curso, mas como afirma Risso (2006, p. 458), a partir de [...]

Momentos anteriores de cumplicidade entre os interlocutores, apoia-  
da nos acontecimentos, na convivência, no conhecimento compartilhado,  
nos contratos estabelecidos, nas instâncias discursivas do dia-a-dia que  
sustentam essa relação.

Esse marcador pode ainda ser observado na organização inter e intratópica. Consoante Risso, “no plano intratópico, o *então* atua na progressão tópica, seja no encaminhamento ou no fecho do tópico, seja na retomada tópica, após inserção” (RISSO, 2006, p. 458). Já no plano intertópico, “o *então* pode promover o encadeamento de informações que se integram na construção interna de um seguimento tópico” (RISSO, 2006, p. 463) ou constituir um supertópico comum, a partir de tópicos inteiros encadeados sucessivamente. Também é possível analisá-lo na dinâmica de turnos e como operador argumentativo do diálogo.

Em uma perspectiva dinâmica de turno, *então* pode atuar como um sinal de retomada de fala interrompida pelo interlocutor ou como indicador de manutenção de turno. Em se tratando do caráter argumentativo de *então* na situação comunicativa, observa-se que ele objetiva questionar ou confirmar declarações do interlocutor, considerando o já dito, a informação em pauta.

Em relação ao marcador *aí*, ele apresenta propriedades dêitico-anafóricas (espaço-temporal), de traços de sequenciação cronológica, e sobretudo, relações de abstração entre as funções.

Observa-se que, em grande parte de suas realizações, o *aí* recai, sobretudo, na função dêitico-locativa. Isto é, o *aí* dêitico locativo aponta para um lugar do mundo externo e origina o *aí* anafórico locativo, que aponta para um lugar já mencionado no texto (TAVARES, 1999).

Para a autora,

A passagem do item em exame de função dêitica locativa para a anáfora locativa, isto é, do espaço dêitico para o espaço anafórico, representa a passagem para o nível textual, pois as anáforas têm papel na articulação textual, por recuperarem elementos mencionados anteriormente. (TAVARES, 1999, p. 139)

Dito de outra forma, tanto o *aí* conectivo quanto o *aí* anafórico vai ressignificar-se no discurso.

Em relação ao *aí* sequenciador temporal, nota-se que ele destaca a ordenação temporal cronológica dos eventos narrados, ou seja, indica que a situação introduzida relaciona-se temporalmente ao evento anterior.

Centrando-se no seu estatuto de introdutor de efeito, observa-se que a partícula *aí* interliga dois acontecimentos que estão ligados cronologicamente, sendo que o primeiro representa a causa e o segundo o efeito.

Referente à categoria de sequenciador textual, nota-se que é comum em textos narrativos, uma vez que dão maior dinamicidade à narrativa. Segundo Andrade (2006, p. 146), o marcador “*aí*” conecta orações que se encaixam em uma lógica de decorrência – ou seja, aconteceu um fato, “*aí*” decorre outro.

Para Tavares (1999, p. 136)

O *aí* adquire um significado mais abstrato ao deixar de indicar sucessão cronológica temporal e passa a indicar sucessão discursiva, assinalando a ordem seqüencial pela qual as informações são apresentadas e desenvolvidas.

### 3. *Considerações finais*

A necessidade de um trabalho ordenado de organização da fala e escrita no ambiente escolar é evidente e necessária. As produ-

ções textuais escritas, sob a perspectiva da análise, permitiram verificar e definir sistematicamente a função dos marcadores discursivos *aí* e *então* e a sua relação no texto escrito.

A análise guiou para a percepção de que os alunos, por não conseguirem diferenciar os aspectos específicos das modalidades de uso da língua- a fala e a escrita, e por não estarem familiarizados com conectivos coesivos próprios da escrita, utilizaram os marcadores discursivos com finalidade coesiva.

No que tange à observação desses marcadores discursivos, podem ser feitas as seguintes considerações:

- 1) São fenômenos linguísticos que funcionam como elemento de orientação discursiva, ou seja, auxiliam no desenvolvimento interacional dos falantes, estabelecendo elos de coesão discursivos. Eles ajudam a construir relações entre os enunciados tanto no contexto, quanto no cotexto;
- 2) São elementos que não assumem uma função específica, pré-estabelecida, durante o discurso, o que significa dizer que um mesmo MD pode desempenhar simultaneamente várias funções;
- 3) Diante da sua multifuncionalidade, confirma-se que os MDs não se restringem a um gênero textual específico, como se pensou em estudos anteriores, os quais adotavam a nomenclatura *marcadores conversacionais*, limitando, assim, a sua ocorrência à conversação.

O ponto de vista destaque desta análise foi perceber que a noção de marcadores discursivos só foi possível a partir da noção de texto como lugar de interação social, em que o sentido do texto se constrói, a partir dele e não, especificamente, nele.

Quanto às reflexões suscitadas a partir da análise dos textos, foi possível verificar que:

I. O marcador discursivo *então* apresenta-se como sequenciador tópico e é comum em textos narrativos, uma vez que dá maior dinâmica à narrativa. Verifica-se diversidade de traços semânticos que acompanham o advérbio no contexto da frase que ora se apresenta pela recorrência com que *então* é ativado em estrutura sintático-semântica de nítida expressão temporal, ora configura-se com teor

mais argumentativo, ao estabelecer uma dependência lógico-semântica de decorrência, conclusão ou resultado apresentado na estrutura frástica. No entanto, quando usado de maneira exaustiva no texto, denota a falta de habilidade do aluno diante das modalidades de uso da língua- fala e escrita;

II. O marcador discursivo *aí* possui função de localizar objetos e pessoas no espaço e no tempo e, sobretudo, marca a sequência de fatos narrados, organizando o discurso no tempo. Em uma escala de prototipicidade, verifica-se que, quando usado como sequenciador, é considerado menos prototípico, uma vez que se distancia de seu nível mais alto - dêitico espacial.

III. Faz-se necessário, no ensino de português, um trabalho ordenado da relação fala-escrita, que vai permitir ao aluno um posicionamento consciente diante dos diversos gêneros textuais, bem como o uso adequado dos marcadores discursivos nas diferentes modalidades da língua.

Estar atento a essa última situação, na prática escolar, é fundamental, uma vez que, mesmo em comunidades mais carentes, os alunos estão imersos em uma cultura que disponibiliza, de formas de letramento variadas. É através dessa associação com o contexto escolar que vai possibilitar ao aluno o interesse pela leitura e produção de textos, bem como a prática consciente das modalidades de uso da língua. É viabilizar, acima de tudo, o desenvolvimento da competência discursiva do aluno, a partir do seu contexto sócio-cultural.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALI, M. Said. *Dificuldades da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1930.

ANDRADE, José Armando. *Repetição e marcadores discursivos na produção textual de alunos: uma apropriação discursiva*. Dissertação de Mestrado. UFPE. Recife, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros curriculares nacionais para o ensino médio – linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: MEC, 2000.

BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

CUNHA, Celso. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

OLIVEIRA, Ilana Gomes. *O uso de marcadores discursivos em textos redacionais*. 2009. 125 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

RISSO, Mercedes Sanfelice *et al.* Traços definidores dos marcadores discursivos. IN: JUBRAN, Spinardi; KOCH, Villaça. *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado*. v. 1. Campinas: UNICAMP, 2006.

RISSO, Mercedes Sanfelice. Marcadores discursivos basicamente seqüenciadores. IN: JUBRAN, Spinardi; KOCH, Villaça. *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado*. v. 1. Campinas: UNICAMP, 2006.

TAVARES, Maria Alice. *A gramaticalização do aí como conector: indícios sincrônicos*. Florianópolis: Ufsc, 1999. 13 p. Disponível em:

<<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/viewFile/2316/2008>>. Acesso em: 20 maio 2010.

URBANO, Hudinilson. Variedades de planejamento no texto falado e no escrito. In: PRETI, Dino (Org.). *Estudos de língua falada: variações e confrontos*. São Paulo: Humanitas/FFCH/USP, 1998, p. 131-152.

URBANO, Hudinilson. *Marcadores discursivos basicamente interacionais*. IN: JUBRAN, Spinardi. KOCH, Villaça. *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado*. v. 1. Campinas: UNICAMP, 2006.